



A retomada da identidade do presbítero diocesano

The restoration of the identity of the diocesan priest

Tiago de Fraga Gomes

Docente do PPGT da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Thiago De Moliner Eufrásio

Docente na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)

Resumo: A vivência da vocação presbiteral se depara cada vez mais com os desafios de uma sociedade que não tem o pressuposto da fé como algo estabelecido. Além disso, os presbíteros, em um contexto de secularização, tornam-se o ponto de tensão entre compreensões diversas sobre sua própria vocação que já não goza do *status* de autoridade inquestionável. Nesse caminho histórico, retomar as dimensões da formação em vista de um ser humano integrado, torna-se um convite de retorno às fontes da identidade e da espiritualidade presbiteral, ou seja, ao ministério sacerdotal, profético e pastoral do próprio Cristo, donde emana o convite de configuração do presbítero à pessoa do Cristo. Na relação com Cristo, a vocação presbiteral se fortalece ao se redescobrir não apenas a fonte do ministério, mas do próprio sentido da vida. Na graça habitual, a fé do presbítero o convida a viver sua vocação na perspectiva da caridade pastoral, não como síntese dos ministérios, mas como ministério da síntese, ao dar espaço para o protagonismo dos fiéis cristãos nas dinâmicas pastorais, em perspectiva participativa e colaborativa, em vista da ação evangelizadora da Igreja.

Palavras-chave: Presbítero. Identidade. Espiritualidade. Caridade pastoral.

Abstract: The experience of the priestly vocation increasingly faces the challenges of a society that does not take faith for granted. Furthermore, in a context of secularization, priests become a point of tension between different understandings of their own vocation, which no longer enjoys the status of unquestionable authority. In this historical path, resuming the dimensions of formation with a view to an integrated human being becomes an invitation to return to the sources of priestly identity and spirituality, that is, to the priestly, prophetic and pastoral ministry of Christ himself, from which emanates the invitation to configure the priest to the person of Christ. In the relationship with Christ, the priestly vocation is strengthened by rediscovering not only the source of the ministry, but also the very meaning of life. In habitual grace, the priest's faith invites him to live his vocation from the perspective of pastoral charity, not as a synthesis of ministries, but as a ministry of synthesis, by giving space for the leading role of Christian faithful in pastoral dynamics, in a participatory and collaborative perspective, in view of the evangelizing action of the Church.

Recebido em: 15 dez. 2023 - Aprovado em: 5 mai. 2024.

Keywords: Priest. Identity. Spirituality. Pastoral charity.

Introdução

A presente pesquisa almeja considerar um elemento que, por vezes, fica à sombra das reflexões teológicas e pastorais: a necessidade de retomar a identidade e a espiritualidade do presbítero diocesano em vista dos contextos emergentes do tempo atual, com suas virtudes e fragilidades. Um convite a redescobrir a graça testemunhada por São Paulo: “é na fraqueza que a força [de Cristo] manifesta todo o seu poder” (2Cor 12,9b). Nessa perspectiva, lança-se a seguinte hipótese de pesquisa: a fragmentação da vida pastoral dos presbíteros católicos, encurralada pelo excesso de demandas, em uma sociedade movida, sobretudo, por apelos economicistas, exige repensar a relação de cuidado e acolhimento permanentes dos presbíteros no desempenho de sua missão eclesial para que possam exercê-la com qualidade humana e evangélica.

Nesse cuidado com a vida dos presbíteros, a percepção de que a insuficiência não é derrota, mas convite a uma abertura em formato sinodal, parece ser um movimento adequado para um exercício mais eficaz da caridade pastoral. O desafio acerca da identidade e da espiritualidade presbiteral, em um mundo que passa por constantes mudanças, em um ritmo cada vez mais fluido, mostra-se inegável. A retomada das dimensões da formação, tendo presente o contexto social e eclesial, convida o presbítero e o processo formativo presbiteral, a redescobrirem o essencial na vida presbiteral, mesmo diante de tantas urgências.

Nesse sentido, a presente pesquisa pretende situar-se nos desafios do tempo presente tendo o mote do desenvolvimento econômico e seus aportes como cenário do desafio à identidade presbiteral. Cabe observar, aqui, a tensão que se estabelece entre a perspectiva teológica do ministério ordenado e a visão secularizada acerca dessa figura que pretende se apresentar como sinal de Jesus Cristo, Bom Pastor. Para isso, este estudo, começando por abordar alguns desafios presente na vida dos presbíteros, buscará retomar, em seguida, a identidade e a espiritualidade do presbítero diocesano, para, por fim, tratar da centralidade da caridade pastoral como ato de fé que envolve toda a pessoa do presbítero, aspecto essencial para o desempenho de sua missão.

1 Começando por alguns desafios

Coloquemo-nos, inicialmente, no contexto desenvolvimentista em que estamos mergulhados e que se configura de modo paradoxal. Paradoxal, considerando o abismo entre o índice de desenvolvimento humano e o ranking econômico dos países. Um abismo de onde ecoa a dúvida: o acesso ao desenvolvimento é real ou se é escravo de uma narrativa distorcida e utópica acerca de um futuro idealizado? Em consonância com Morin, pode-se dizer que se trata de uma leitura mitológica do desenvolvimento que se converte em fonte de vida. Nas palavras de Morin, o desenvolvimento “é um mito global no qual as sociedades industrializadas atingem o bem-estar, reduzem suas desigualdades extremas e dispensam aos indivíduos o máximo de felicidade que uma sociedade pode dispensar”.²

É possível dizer que não se está na Caverna de Platão³ preso e sem acesso à

² MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. Porto Alegre: Sulina, 2005, p. 78.

³ Alegoria criada por Platão na Obra *A República*, Livro VII, onde o filósofo aborda a questão do acesso ao conhecimento.

realidade, mas na Caverna do Dragão⁴, isto é, na angústia da insuficiência, apesar de todo esforço. Considerando essa analogia, o que se verifica nessa perspectiva é que ela tende a relegar outras necessidades e problemas humanos ligados à identidade, cultura, convivência e espiritualidade, impossibilitando seu real acesso, ainda que haja uma doce ilusão de adiamento. Um mito que tenta, como propõe Peterson, adiar a realidade da morte por meio de sacrifícios e ilusões. Diz Peterson que “o futuro é onde você vai para morrer [...]. Seu fim pode ser adiado através do trabalho: através do sacrifício do agora para ganhar benefícios mais tarde”.⁵ Com isso, se estabelecem justificativas para o tempo com quem se barganha e com quem se negocia a própria finitude. Uma barganha que tem como efeitos colaterais diversos desequilíbrios de ordem social, moral, espiritual, psíquica e física.

Nesse cenário estão os cristãos e, de modo específico, os ministros ordenados para quem o convite é de entrega total ao ideal proposto por Jesus Cristo que diz “não vim para ser servido, mas para servir” (Mt 10,28). Considerando as consequências do esvaziamento semântico da palavra “servir” e do subjetivismo narcísico vivido hoje, o que se quer expressar com o ideal cristão do serviço? Cabe aqui lembrar de Mounier quando critica em 1949 o cristianismo ocidental por ter destituído Cristo em prol da cristandade. Uma afirmação impactante, mas que lida, nas palavras de Mounier, mostra-se esclarecedora e atual:

O que separa o cristão do Cristo, atualmente, não é a espessura do tempo, que ele pode ser-lhe rigorosamente contemporâneo, participando em sua vida como modelo, mas a espessura da cristandade, que “destituiu Cristo”. Torna-se cristão “como se calçam meias” da maneira mais prazerosa do mundo; cessando de ver uma oposição infinita entre a ordem cristã e a ordem mundana. Absurdo e heresia. A humanidade quis antecipar a eternidade, fingir ter instaurado uma Igreja triunfante: só instituiu um cristianismo estabelecido e considerado, isto é, o contrário do cristianismo. O cristianismo é uma alternativa no fundo do coração, que se antepõe sempre e sempre a cada homem e não um estabelecimento que se consolide com o tempo e com o número.⁶

As palavras de Mounier são tão duras quanto esclarecedoras ao ecoarem nas características do mundanismo espiritual elencadas na *Evangelii Gaudium* n. 95: dominação; exibicionismo litúrgico, doutrinário, social e político; vanglórias; autoestima; ostentação de agendas, viagens e promoções; autorreferência; funcionalismo empresarial. Depois desse elenco nefasto, conclui o papa: “Já não há ardor evangélico, mas o gozo espúrio duma auto complacência egocêntrica”. Um gozo do ego que eleva e abandona à beira dos mais diferentes abismos existenciais.

A descoberta da historicidade e o reconhecimento da dignidade humana foi dando contornos à liberdade que, não poucas vezes, tem fragmentado o sujeito

⁴ Série norte-americana lançada em setembro de 1983. Nela, um grupo de jovens é transportado para um reino e onde recebem diferentes poderes. Travam batalhas para voltar à casa, mas, quando esse momento se torna possível, algo lhes impede de regressarem.

⁵ PETERON, Jordan. *12 Regras para a vida: um antídoto para o caos*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018, p. 173.

⁶ MOUNIER, Emmanuel. *Quando a cristandade morre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972, p. 202-203.

deixando-o abandonado a si mesmo com suas escolhas e dúvidas iluminadas por referenciais prometeicos e narcísicos. Outrossim, a conquista da subjetividade foi também a conquista da pluralidade que enriquece as relações e a construção social e eclesial. É o advento de uma responsabilidade consciente que convida ao exercício da autonomia e do diálogo. Contudo, o risco é de esbarrar na experiência do abandono e da ausência de cuidado que se converte, pós-trauma, em julgamentos e acusações de imaturidade. Partindo da perícopa dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35), pode-se dizer que todo cristão é um vocacionado e um peregrino em busca de sentido que se solidifica no amadurecimento integral. Nas palavras de Frankl, o ser humano tem *vontade de sentido*⁷ que o impulsiona e o faz reconhecer, mesmo atrelado à questões que o limitam, o ser humano é *livre para* e, por conseguinte, pode sofrer por equívoco ou por consequência da fidelidade às suas convicções.

Em toda vocação se estabelece o binômio “graça” e “missão”, indicando que se trata de uma participação na *Missio Dei* como graça. De acordo com Santo Tomás de Aquino, a graça habitual, tornando o ser humano *Capax Dei*⁸, o leva a viver os dramas humanos e a responder aos apelos da história à luz do mistério da encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo, isto é, consciente de que é capaz de um Bem perfeito e universal. Contudo, essa primavera vocacional requer a travessia de alguns invernos e remete a urgências de preparar-se para tal. Essas dinâmicas passam pela necessidade de acompanhamento personalizado. Como defende o Papa Francisco, como é próprio da vida cristã, os ministros ordenados também precisam ser formados na arte do acompanhamento pastoral.⁹ Essa é uma necessidade pastoral.

Esse inverno tem avançado rigorosamente na vida de um número cada vez maior de ministros ordenados, dando-se a conhecer com dores e angústias que nem sempre celebram notícias primaveris, dado a insuficiência de instrumentos e presenças para essa travessia. Muitos presbitérios prosseguem, corajosamente e, não poucas vezes, no silêncio, em meio a relatos e experiências de dores, desamparos, incompreensões, fugas, imoralidades, depressões e até diante do mistério da morte, aos que desistem de viver. Sem dúvidas, são louváveis as iniciativas de estudos, análises, pesquisas e interpretações desses calvários. São dignas de vênias os espaços terapêuticos voltados a essa realidade. Contudo, faz-se necessário, quem hoje faça as vezes de Cirineu, Maria, Verônica, João, Madalena e outros, dispostos ao ágape no cotidiano dos presbitérios.

A esperança quando construída, compartilhada e oferecida no inverno da vida vocacional, tem sabor de primavera ao oferecer um horizonte de possibilidades. Paulo oferece essa perspectiva de esperança ao presbítero Timóteo quando escreve: “exortote a reavivar o dom espiritual que Deus depositou em ti pela imposição das minhas mãos. Pois Deus não nos deu espírito de medo, mas um espírito de força, de amor e de sobriedade” (2Tm 1,6-7). Antes de exortá-lo com essas palavras, Paulo evoca a fé vivida pela avó e pela mãe de Timóteo dizendo estar convencido de que esta mesma fé permanece nele. Religando-o às suas raízes, Paulo mostra a Timóteo que, soterrado no inverno do medo, o dom recebido se conserva intacto e pode ser resgatado. Faz-se

⁷ FRANKL, Victor. *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 50.

⁸ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. São Paulo: Loyola, 2003, I-II, q. 5, a. 1.

⁹ FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*, n. 169.

necessário despertar para a presença do Espírito de Deus, o *desiderium naturale videndi Deum* como sublinhava Santo Tomás de Aquino.¹⁰ O testemunho de Paulo ensina que o acolhimento, o cuidado, a presença e a atenção contínuos, aos que passam por dificuldades, é fundamental para que recuperem o acesso à profundidade de sua consciência e história.

Nessa verdade acerca do *si mesmo* e que não pode ser negada¹¹, habita, como diz Santo Agostinho, Aquele que é “mais profundo do que o que em mim existe de mais íntimo”.¹² Isso aponta para o fato de que a instituição deve estar a serviço do ser humano, e não o contrário. Que a Igreja, por meio de seus pastores, precisa estar atenta para não se tornar uma Caverna do Dragão, prendendo, na lógica desenvolvimentista, os que buscam a *Shalom de Deus*. Isso inclui os ministros ordenados que, como Jesus Cristo, também são, simultaneamente, pastores e ovelhas. Querer o bem da Igreja requer preservar a saúde psíquica e espiritual de seus pastores para que estes possam manter-se aptos para a missão. Cuidar dos pastores não é elemento secundário, mas chave para o êxito evangelizador. Como não lembrar o cuidado de Jesus com os discípulos ao dizer a eles em meio a tantos afazeres: “vinde vós, sozinhos, a um lugar deserto e descansai um pouco” (Mc 6,31).

Com todas as mudanças de paradigma referente a historicidade, não é possível aceitar uma formatação tal que leve o discípulo de Jesus a ser um legitimador daquela cristandade denunciada por Mounier e selada como mundanismo espiritual pelo Papa Francisco. A graça e a missão de todo vocacionado não é adesão a um clube de privilegiados, a um círculo de iluminados, a um grupo de aristocratas, proletários ou ideólogos. A vocação cristã é fruto do dom de Deus que, acolhido na dignidade humana, pode dirigir-se a Jesus Cristo como irmão, tornando-se, assim, um participante da vida divina na ordem da Criação, ao guardar um tesouro eterno na contingência da própria existência (2Cor 4,7).

Em suma, a fragmentação na vida cristã é histórica. Fruto de um longo período de fragilidades, evangelização insuficiente e carência de ministros ordenados. As comunidades cristãs, outrora identificadas com a sociedade, hoje são vistas com reservas e desconfiança moralista em demérito do acolhimento e reconhecimento. Uma atmosfera potencializada com a hipermodernidade, onde a conduta responsável convive com a irresponsabilidade. Onde, os indivíduos, como sugerem, Lipovetsky e Sébastien Charles, “são ao mesmo tempo mais informados e mais desestruturados, mais adultos e mais instáveis, menos ideológicos e mais tributários das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos”.¹³ Cada presbítero, além de carregar suas dores (Hb 5,2), é constantemente exposto aos dramas humanos que exigem equilíbrio e constância, nem sempre fáceis de serem sustentados e, como todo ser humano, fora constituído em uma totalidade, que não é autossuficiente.

É preciso criar espaços de acolhimento e escuta. Aos ministros ordenados cabe refletir acerca de sua missão diante desses desafios. Reconhecer que os seminários e

¹⁰ S. Th, I, q. 12, a. 1.

¹¹ CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*: sobre a Igreja no mundo atual, n. 16.

¹² AGOSTINHO DE HIPONA. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 2016, III,6.

¹³ LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004, p. 27-28.

casas de formação não são espaços para curar e ordenar o caráter dos candidatos, mas acompanhá-los, discernindo se possuem condições suficientes para um contínuo processo de amadurecimento. Ao que se refere ao presbitério, cabe compreender que, assim como em outros espaços dedicados ao cuidado do ser humano, a pastoral presbiteral precisa facilitar e prover um cuidado afetivo e efetivo com a saúde emocional nos presbitérios. É possível que isso facilite ao ministro ordenado ser “*ponte e não obstáculo para os outros no encontro com Jesus Cristo, Redentor do homem*”.¹⁴ E, com a palavra *ponte*, fica a percepção do servir que configura com o Redentor, e da importância de colocar-se sob o seu senhorio que liberta e salva o ser humano de suas fragmentações, restaurando-o à imagem e semelhança de Deus.

Retomando o Encontro Nacional dos Presbíteros (ENP) de 2024 com o tema *Presbíteros: testemunhas da Esperança*, observa-se que no cenário atual cabe ao ministro ordenado, sobretudo, o desafio de perseverar na esperança escatológica tendo os pés na realidade. É desafiador ser o ponto de tensão da história, ou seja, colocar-se na fronteira entre o imediatismo economicista e desenvolvimentista, com sua esperança imanente, e a esperança transcendente, com seu horizonte metahistórico que precisa comunicar sentido aos sujeitos históricos. O convite para adentrar nesse cenário é a retomada dos elementos centrais da formação presbiteral inicial que se convertem em balizas ao longo da formação permanente, ou seja, as dimensões da formação: humana, espiritual, pastoral-missionária e intelectual. Em outras palavras, um cultivo integral da vida humana do presbítero.

Voltando-se ao ENP de 2024, Carvalho afirma que “a dimensão humana é condição *sine qua non* para a formação dos novos presbíteros e, inclusive, para os que já exercem o ministério presbiteral”.¹⁵ Cabe não somente ao presbítero, mas à própria Igreja, dar condições para que esse cultivo se estabeleça pela via do cuidado. Sem a perspectiva do cuidado, o cultivo das dimensões formativas pode se reduzir a uma perspectiva formal ou subjetivista. O acompanhamento precisa ser revisto para que alcance a pessoa inteira do presbítero, e não somente o que o presbítero faz ou o papel que este desempenha. A humanidade, condição *sine qua non* do ministro ordenado, precisa ser alcançada em sua estrutura fundamental.

Ao alcançar essa dimensão humana fundamental e estruturante do presbítero, se resgata sua identidade e o lugar do sentido pessoal, único e irrepetível da vida de cada presbítero. Nesse processo de cuidado, redescobrir a centralidade da pessoa de Jesus Cristo na fé da Igreja poderá oferecer ao presbítero uma direção mais clara em meio a tantas incertezas. Novamente recorrendo à inspiração do ENP de 2024, Carvalho afirma que “o presbítero, no dia de sua ordenação presbiteral, por meio do Sacramento da Ordem, une-se para sempre ao sacerdócio de Jesus Cristo e por sua vez inclui uma união com a Igreja; por isso o presbítero torna-se um homem de Igreja e da Igreja”.¹⁶ O sentido da vida presbiteral é metahistórico, contudo, está na história, mergulhado no desígnio da humanidade em Cristo. Sua dimensão pastoral e missionária se dá não por acúmulo de tarefas, mas por uma configuração existencial a Cristo, tornando-se testemunha de uma esperança para além dos imediatismos.

¹⁴ JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal Pastores Dabo Vobis*: sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais. São Paulo: Paulinas, 1992, n. 43.

¹⁵ CARVALHO, Humberto Robson de. *Presbíteros: testemunhas da esperança*. Brasília: CNBB, 2024, p.15.

¹⁶ CARVALHO, 2024, p. 52.

Toda essa percepção desafia o presbítero a ser, cada vez mais, um homem de diálogo, o que pressupõe, sobretudo, a escuta, pois “é preciso dialogar com a sociedade nas diferentes situações e levar em consideração que o mundo moderno exige preparação intelectual, sobretudo para o presbítero que vive nos grandes centros”.¹⁷ Ser homem do diálogo requer um grau razoável de autoconhecimento e um processo e uma abertura ao acolhimento e à hospitalidade. Essas prerrogativas não são apenas técnicas a serem desenvolvidas, mas implicam em um processo de configuração vocacional: o chamado de Deus que se automanifesta em sua Revelação¹⁸ e que revela ao homem sua própria vocação¹⁹ não pode ser outro senão o convite à comunhão. Uma comunhão que não é apenas vertical, isto é, na relação com Deus, mas horizontal, isto é, na relação com as pessoas, como aponta a carta de São João: “este é o mandamento que dele recebemos: aquele que ama a Deus, ame também seu irmão” (1Jo 4, 21). Essa horizontalidade precisa ser comunicada como elemento da tradição presbiteral e não como uma busca isolada por sobrevivência em meio aos desafios do tempo presente.

Esse breve percurso diante dos desafios presentes e a necessidade do cultivo da vida presbiteral, frente às suas fragilidades, conduzem a presente reflexão à dimensão espiritual. Todo esse apelo feito para que se redescubra a esperança cristã e se torne um arauto dela, pede ao presbítero que este se disponha a um novo encontro consigo mesmo, em Cristo. Fora de Cristo, o encontro consigo mesmo tende ao individualismo, ao fechamento e às ideologias que buscam justificar costumes, hábitos e modos de ser nem sempre inspirados na esperança evangélica. Como diz a Carta de Paulo aos Romanos, “alegres na esperança, perseverantes na tribulação, constantes na oração” (Rm 12,12), esse tripé traduz o que se busca nessa pesquisa: trabalhar as fragilidades da vida presbiteral, marcada pela inconstância e pelas superficialidades ocasionadas pelo excesso de demandas que impedem um cultivo mais adequado a partir da espiritualidade.

2 Retomada da identidade e da espiritualidade do presbítero diocesano

Os desafios apresentados colocam o presbítero em um cenário que lhe exige respostas rápidas e eficientes, o que não significa respostas adequadas ou sintonizadas com sua vida ministerial. O desencanto espiritual e pastoral presente nos diferentes presbitérios indica que a eficiência não é sinônimo de vida saudável. Quando reduzidos a tarefeiros, os presbíteros correm o risco de se esvaziarem de seu significado enquanto sujeitos históricos e eclesiais, consagrados e configurados a Cristo, Bom Pastor. Todo esse fenômeno “agrega a solidão do sacerdote, seus frequentes problemas econômicos e seu aburguesamento social, econômico e pastoral”.²⁰ Noutras palavras, a perda do sentido e do significado da vida presbiteral vai empurrando o presbítero para a ilusão de que o secundário, dispensável e superficial, poderá responder aos anseios mais profundos de sua consagração. Por conseguinte, a urgência do essencial fica esquecida em meio às demandas do dia-a-dia.

Diante disso é preciso olhar para o núcleo da vida presbiteral. Voltar a abrir caminhos corajosos de volta às fontes e agir profeticamente frente ao secundário, dispensável e superficial da vida ministerial. O itinerário da identidade presbiteral se

¹⁷ CARVALHO, 2024, p. 69.

¹⁸ CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum*: sobre a Revelação divina, n. 2.

¹⁹ GS, n. 22.

²⁰ YEPES, 2008, p. 21.

relaciona com o exercício do ministério e com a vivência específica da espiritualidade presbiteral. Ambas dimensões apontam para a questão nevrálgica da centralidade da caridade pastoral, como o vínculo de unidade que dá coesão e identidade à vida e à espiritualidade do presbítero diocesano. “Onde está teu tesouro aí estará também teu coração” (Mt 6,21). O presbítero é um homem que colocou seu coração na comunidade. Nela ele investe suas forças. “O carisma presbiteral capacita e convida o sacerdote a amar sua gente e a comunidade diocesana e eclesial, com todo o coração e com toda a alma”.²¹ É imprescindível formar os presbíteros em sua dimensão comunitária. Como afirma o Concílio Vaticano II, “os presbíteros, como esclarecidos cooperadores da ordem episcopal e a sua ajuda e instrumento, chamados para o serviço do Povo de Deus, constituem com o seu Bispo um presbitério”.²² Enquanto cooperadores dos bispos e de seus companheiros de presbitério, os presbíteros constituem a “comunhão presbiteral”, pois “em virtude da comum sagrada ordenação e missão, todos os presbíteros estão entre si ligados em íntima fraternidade, que espontânea e livremente se deve manifestar no auxílio mútuo, tanto espiritual como material, pastoral ou pessoal, em reuniões e na comunhão de vida, de trabalho e de caridade”.²³

A partir desta dimensão comunitária, o presbítero engaja todo seu ser no exercício do ministério. Isso exige estar espiritualmente bem nutrido para que possa frutificar sua ação pastoral com coerência. Mas, como fazê-lo se o presbítero ficar reduzido a cumprir agendas e suprir demandas? Um presbítero “funcionário do altar” é uma patologia vocacional e uma esquizofrenia pastoral. Infelizmente, esta realidade cresce atualmente entre os presbíteros, os quais, desprovidos de tempo de qualidade para o cultivo pessoal e para a convivência colegial, caem em um ativismo. O coração de pastor deve ser indiviso e oblato, sempre pronto para se doar totalmente pela causa do rebanho, especialmente indo ao encontro das ovelhas mais necessitadas. A misericórdia pastoral é o amor que se estremece, se comove e se mobiliza diante da dor e da miséria do outro. A ternura, o afeto, a acolhida, a preocupação e a dedicação devem ser atitudes vividas pelo presbítero como o “Bom Samaritano” (Lc 10,30-37). É preciso fazer o mesmo, diz Jesus.

A caridade pastoral é um amor que vincula o presbítero à comunidade, com fidelidade e estabilidade. A fidelidade conduz o amor pastoral a responsabilizar-se pela comunidade, a encarregar-se dela. É um compromisso perpétuo. O celibato e a pobreza devem ser assumidos pelo presbítero diocesano como uma forma de se doar totalmente à Igreja. Todos esses elementos, se desprovidos de cuidado e de acompanhamento, tornam-se um fardo institucional que não permite o acesso ao espírito de serviço e entrega. Esse esvaziamento não liberta, mas escraviza. Por isso, é preciso ter em vista que a identidade do presbítero diocesano diz respeito não apenas à sua natureza sacramental, mas refere-se à “configuração concreta do ministério”.²⁴ O presbítero diocesano é aquele que está incardinado²⁵ em uma diocese. É aí que ele desempenha

²¹ URIARTE, Juan María. *A espiritualidade do ministro presbiteral*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 57.

²² CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*: sobre a Igreja, n. 28.

²³ LG, n. 28.

²⁴ GROH, Carlos Rogério. *A identidade do ministério presbiteral como tema teológico-pastoral: uma questão epistemológica*. Florianópolis: ITESC, 2009, p. 117.

²⁵ “A incardinção numa determinada Igreja particular constitui um autêntico vínculo jurídico que tem também um valor espiritual, já que dela provém a relação com o bispo no único presbitério, a partilha da solicitude pastoral, a dedicação à cura evangélica do povo de Deus nas condições históricas concretas e ambientais. Nesta perspectiva, o vínculo com a Igreja particular está na ordem da responsabilidade na

seu ministério pastoral, em colegialidade presbiteral²⁶ e em cooperação com a ordem episcopal. “O padre diocesano é aquele que pertence a uma Igreja particular e nela se incardina, para, em comunhão com o bispo e o presbitério, pastorear a porção do povo de Deus, que denominamos Igreja particular ou Diocese”.²⁷ O Decreto *Christus Dominus*, do Concílio Vaticano II, no n. 28, vai expressar:

Todos os presbíteros, quer diocesanos, quer religiosos, participam e exercem com o bispo o único sacerdócio de Cristo, e são, portanto, prudentes cooperadores da ordem episcopal. Mas na cura de almas são os sacerdotes diocesanos os primeiros, posto que, incardinados e destinados a uma Igreja particular, se devotam plenamente a seu serviço no pastoreio desta porção da grei do Senhor.

O Concílio Vaticano II não utiliza a expressão “padre secular”, nem mesmo o papa João Paulo II na *Pastores Dabo Vobis*. Essa expressão é usada pelo *Diretório para o ministério e a vida do presbítero*. O *Código de Direito Canônico* fala em “clérigos seculares” como aqueles que não vivem no mosteiro ou convento. Todo padre é necessariamente religioso, pois está ligado a Deus no exercício do sacerdócio ministerial. A incardinação²⁸ é o vínculo jurídico, teológico, espiritual, esponsal e pastoral com a comunidade diocesana. O presbítero, desde as etapas iniciais de sua formação, precisa conhecer a realidade geográfica, cultural, socioeconômica, política e histórica de sua Diocese. Pois a identidade e a espiritualidade do presbítero diocesano fundamentam-se na sua incardinação na Diocese ou Igreja particular. A sua missão é marcadamente tangida pela “diocesaneidade”.

O presbítero diocesano é consagrado inteiramente para o serviço da diocese, no contexto de uma fraternidade sacramental, dentro do presbitério, em unidade com o bispo diocesano. Três grandes realidades se sobressaem no ministério e na vida do presbítero diocesano: a Igreja particular ou diocese; o bispo diocesano; o presbitério. O ministério do presbítero é comunhão e colaboração responsável. É solicitude pela Igreja. O vínculo da caridade apostólica, do ministério e da responsabilidade pastoral, engaja o presbítero na missionariedade característica do ministério da ordem, ontologicamente configurado a Cristo, para ensinar, santificar e reger o povo de Deus. O presbítero anima, coordena, preside e evangeliza a comunidade paroquial, está ao seu serviço, testemunhando Cristo Bom Pastor. Entre a teologia do ministério presbiteral e a espiritualidade do presbítero deve haver uma sintonia. A caridade, a fé, a esperança, a obediência, a castidade, a oração, têm no presbítero uma conformação específica. As virtudes são modeladas pela condição presbiteral.

De uma teologia específica do ministério brota uma espiritualidade também específica, estimuladora e exigente. [...] A espiritualidade

ação pastoral” (CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida do presbítero*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996, n. 26).

²⁶ “O presbitério é o lugar privilegiado para o sacerdote poder encontrar os meios específicos de santificação e de evangelização e ser ajudado a superar limitações e fraquezas próprias da natureza humana que hoje particularmente se notam” (CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 1996, n. 27).

²⁷ LORSCHIEDER, Aloísio. *Identidade e espiritualidade do padre diocesano*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 17.

²⁸ CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. Promulgado pelo Papa João Paulo II. Notas e com. Jesús S. Hortal. São Paulo: Loyola, 1983, cân. 265-272.

própria do presbítero, surgindo das fontes da teologia do presbiterado, é capaz de conduzir o presbítero a uma verdadeira radicalidade evangélica.²⁹

A espiritualidade do presbítero diocesano tem uma configuração que parte de um princípio interior que a anima, guia e unifica. Este princípio de coesão e identidade é a caridade pastoral que decorre do exercício do próprio ministério. O apostolado dos presbíteros requer generosidade e dedicação completa, preparação intelectual e, sobretudo, “uma vida espiritual amadurecida e profunda, enraizada na caridade pastoral, que é a sua via específica para a santidade e que constitui também um autêntico serviço aos fiéis no ministério pastoral”.³⁰ A caridade pastoral é o princípio dinâmico capaz de unificar e coordenar as múltiplas e diversas atividades pastorais do ministério presbiteral. Atualmente, há um descompasso entre a imagem teológica e a imagem sociológica do ministério presbiteral. Além disso, muitas vezes o presbítero cai num ativismo, procurando dar conta da grande necessidade pastoral. Entretanto, o exercício do ministério deve se dar em condições saudáveis para não ser comprometido na sua essência. “A responsabilidade pastoral é o alimento de nossa espiritualidade”³¹ Isso precisa ser bem gerido, com bom senso e discernimento, com planejamento e projeto de vida espiritual.

A vida presbiteral precisa ser profundamente espiritual. Contudo, nunca é demais perguntar qual “espiritualidade”. Dentre as inúmeras escolas e correntes de espiritualidade, como encontrar aquela que melhor corresponde à vida presbiteral? Sem dúvidas, em todas as escolas e correntes de espiritualidades chanceladas pela Tradição da Igreja, encontram-se elementos que manifestam o mistério de Deus revelado em Jesus Cristo. Isso, contudo, não significa que todas elas sejam adequadas à vida presbiteral. É preciso ter presente o risco de espiritualidades que acomodem ao invés de desafiar ao crescimento e ao amadurecimento. Ao presbítero, profeta e pastor, responsável pelo povo que lhe é confiado, cabe uma espiritualidade de retorno às fontes. Nesse retorno, encontramos um elemento fundante na Constituição Dogmática *Dei Verbum*, n. 2: “Por esta revelação, o Deus invisível (Cl 1,15; 1Tm 1,17), na abundância de sua caridade, fala aos homens como a amigos”. A fé católica, fundada na Revelação de Deus em Jesus Cristo, na encarnação do Verbo, não é religião do livro ou das afirmações lógicas, abstratas, inalcançáveis e reservadas aos iluminados. É a fé em uma Pessoa divina-humana que, fazendo-se um de nós, estabelece uma relação pessoal. Dessa relação se funda a Tradição da Igreja, primeiramente confiada aos apóstolos e por eles transmitidas. Nesse retorno às fontes está, portanto, o retorno à Fonte, isto é, à intimidade com o Deus que se fez carne e habitou entre nós (Jo 1,14). A vida presbiteral participa do mistério da encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo, nisso consiste sua configuração.

As dimensões da teologia do ministério que embasam a espiritualidade presbiteral são: cristológica, pneumatológica, eclesiológica, sacramental, mariológica, secular, missionária (ensino, celebração e pastoreio) e virtuosa. Não diz respeito a uma espiritualidade do êxito, mas de identificação com o Cristo Pastor, sendo a caridade pastoral o âmago e o vetor desta, até suas últimas consequências. Nessa identificação

²⁹ URIARTE, 2000, p. 16.

³⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 1996, n. 34.

³¹ URIARTE, 2000, p. 21.

como participação no mistério de Cristo, “inteiramente de Deus e plenamente humano, o presbítero, configurado ao Bom Pastor, Mestre e Senhor, é testemunha viva do mistério de Deus [...] Um homem que está em constante contato com seu Deus, mas sem jamais interromper a experiência plena da condição humana”.³² Sendo assim, a qualidade no exercício no ministério dá qualidade à vida espiritual do presbítero, e vice-versa. A configuração ontológica não deve ser compreendida como um estado de graça que imobiliza o sujeito, mas que o coloca em um intenso movimento de entrega onde, precedido pela graça, assim como Cristo, lê os sinais dos tempos com o desejo de fazer a vontade daquele que o enviou. Nessa perspectiva de opção fundamental, torna-se evidente que o retorno às fontes é, na verdade, retorno à Fonte. Desse encontro é possível avançar para além das fragilidades, não como fuga ou negação, mas como amadurecimento que passa por todas as dimensões em progresso gradual e fiel.

O equilíbrio das diferentes dimensões que compõem a vida presbiteral, à luz da Revelação, chama o presbítero não a uma lógica quantitativa, mas qualitativa. A configuração não é mera imitação, mas atinge as estruturas mais profundas da vida humana. A graça habitual configura um estado de vida onde o “mais importante que a quantidade do que fazemos é o modo pelo qual o fazemos”.³³ A alegria da encarnação vem acompanhada com o despojamento da cruz antes de poder celebrar a ressurreição. Tudo faz parte da vida presbiteral configurada a Jesus Cristo. Nesse sentido, é vital que pelo jeito presbiteral de agir, transpareça o próprio Cristo. Quando é possível perceber no presbítero a sua nítida ligação com Cristo, este é capaz de testemunhá-lo ao mundo de maneira pertinente e convincente. “A chave decisiva é a espiritualidade”.³⁴ Do orar deve seguir o agir; da comunhão deriva-se a ação.

Nesse processo é fundamental a presença de uma sólida e amadurecida pastoral presbiteral. A V Conferência do CELAM, em Aparecida, afirma que “as Dioceses e as Conferências Episcopais desenvolvam uma pastoral presbiteral que privilegie a espiritualidade específica e a formação permanente e integral dos sacerdotes”.³⁵ Todo esse acompanhamento precisa caminhar em uma perspectiva personalista, ou seja, é preciso identificar, reconhecer e acolher o específico de cada presbítero em cada fase de sua vida e do exercício ministerial. Suas diferentes habilidades, condições, faixa etária e fragilidades, precisam ser consideradas perante as necessidades pastorais, cargos e responsabilidades que poderão ser confiadas ao presbítero. O suporte necessário para o bom exercício pastoral vai além de dar condições estruturais, é preciso olhar o ser humano em sua concretude, com entranhada caridade.

3 Centralidade da caridade pastoral como ato de fé

Os desafios da vida presbiteral têm na espiritualidade do retorno à Fonte seu alimento. Desse modo, a caridade pastoral deve formar toda a vida do presbítero diocesano. “A atividade ministerial deve ser uma manifestação da caridade de Cristo, da qual o presbítero saberá exprimir atitudes e comportamentos, até a doação total de

³² CARVALHO, 2024, p. 37-38.

³³ URIARTE, 2000, p. 36.

³⁴ URIARTE, 2000, p. 42.

³⁵ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007, n. 200.

si em benefício do rebanho que lhe foi confiado”.³⁶ Esta é uma meta que exige do presbítero empenhos e sacrifícios contínuos. A caridade pastoral do presbítero é a participação na caridade pastoral de Cristo que lhe oferece o conselho evangélico do seguimento: “Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e siga-me” (Mt 16,24). É o amor de Cristo Pastor encarnado, prolongado, historicizado, atualizado no amor concreto do presbítero em relação à sua comunidade. “A caridade pastoral é o modo específico de se viver a caridade no ministério presbiteral”.³⁷ A *Pastores Dabo Vobis*, n. 23, diz que “o princípio interior, a virtude que anima e guia a vida espiritual do presbítero, enquanto configurado com Cristo cabeça e pastor, é a caridade pastoral”.

O Concílio Vaticano II, no Decreto *Presbyterorum Ordinis*, n. 14, afirma que “desempenhando o ofício de bom pastor, os presbíteros encontrarão no próprio exercício da caridade pastoral o vínculo de sua perfeição sacerdotal que reduza a uma unidade sua vida e sua ação”. A caridade pastoral é o amor principal do presbítero diocesano. Todos os demais interesses e valores são subordinados a ela. A caridade pastoral exerce um “primado sobre todos os amores e opções”³⁸ que existem na vida de um presbítero. Entre os desafios desse amor está a crescente desvalorização da Igreja como mediação ou sacramento da ação de Deus. Os excessos burocráticos, a postura autoritária e moralista, incapaz de dialogar com a sociedade cada vez mais plural, impede os contemporâneos de encontrarem na Igreja a comunidade do ressuscitado com seu anúncio salvífico. O convite à liberdade humana parece não ecoar nos corações humanos que não enxergam além da dimensão institucional.

Se há alguma apologética válida para nossos dias, é a apologética diaconal, a insistência no serviço e no testemunho que brota do Evangelho. Será pela via da caridade que se poderá chegar e alcançar os corações com a Palavra da fé, como lembra São Paulo, “a fé vem pela pregação e a pregação é o anúncio da palavra de Cristo” (Rm 10,17). Se a Palavra não for precedida pela diaconia, a caridade pastoral não passará de um suspiro saudosista e idealizado. O destinatário imediato da caridade pastoral é a comunidade eclesial. A ela o presbítero se entrega a si mesmo como dom, imitando a Cristo que como “o bom pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas” (Jo 10,11). A caridade pastoral determina o jeito presbiteral de pensar e agir. O dom de si é a raiz da caridade pastoral. Esse dom de si não deve ter fronteiras. O presbítero se entrega com confiança, na solicitude por toda a Igreja. Do amor a Cristo, emerge a entrega pessoal do presbítero em favor da Igreja, rebanho do Senhor.

A fonte específica da caridade pastoral está no sacramento da ordem, e tem a sua máxima expressão e alimento na Eucaristia. O dom maior, celebrado no altar do sacrifício, deve pautar a conformação do presbítero a Cristo, em sua entrega total à Igreja. A opção fundamental e qualificante da espiritualidade presbiteral deve ser a de dar a vida pelo rebanho, o que dá a toda a existência, um caráter sacrificial. O fim condutor que dá consistência e identidade à espiritualidade do presbítero diocesano é a caridade pastoral. “Tudo na vida do presbítero está dirigido à caridade pastoral”.³⁹ A caridade pastoral dá uma moldura específica para a identidade e a espiritualidade do presbítero diocesano. Não pode haver nada na vida do presbítero que seja incompatível

³⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 1996, n. 43.

³⁷ GROH, 2009, p. 118.

³⁸ URIARTE, 2000, p. 49.

³⁹ URIARTE, 2000, p. 51.

com a caridade pastoral. Todas as virtudes na vida do presbítero são matizadas, impregnadas e configuradas pela caridade pastoral, que é o que dá consistência à vida do presbítero, não deixando que este se disperse do sentido fundamental e genuíno de sua vocação específica.

A fim de que a caridade pastoral não caia em uma mentalidade prometeica, é importante compreender que ela é fruto da participação do presbítero na *missio Dei*. A caridade pastoral, portanto, antes de competências e técnicas, é um ato de fé, uma resposta de amor ao Amor. A fé não é produto humano, mas oferta à liberdade humana. Pela fé, a participação na *missio Dei* insere o presbítero na dinâmica trinitária: atento ao Pai, configurado ao Filho pelo Espírito Santo, move-se em busca do ideal apresentado por Jesus Cristo, o Reinado de Deus. A caridade pastoral incorre na afirmação de Jesus “sem mim nada podeis fazer” (Jo 15,5). Portanto, a centralidade da ação pastoral precisa ser vivida em comunhão de fé com Cristo, na Igreja que recebe do Senhor, por meio dos apóstolos, o mandato missionário. Sem a atenção devida à Tradição, o risco de subjetivismos é muito grande. Como afirma Paulo ao presbítero Timóteo: “sei em quem depuseti minha fé e tenho certeza de que ele tem o poder de guardar o depósito que me é confiado até aquele Dia” (1Tm 1,12).

Para que a caridade pastoral se concretize, é preciso que o presbítero supere posturas clericalistas e apoie a ministerialidade e o serviço dos fiéis leigos, na Igreja e na sociedade. Como afirma o CELAM no *Documento de Santo Domingo*: “que todos os leigos sejam protagonistas da nova evangelização, da promoção humana e da cultura cristã. É necessário a constante promoção do laicato, livre de todo clericalismo e sem redução ao intra-eclesial.⁴⁰ Tanto na Conferência de Santo Domingo, quanto na Conferência de Aparecida, o convite dos bispos latino-americanos é para uma caridade pastoral fundada na comunhão e participação, que desloca seu centro do clericalismo para a vida comunitária. É preciso compreender que a caridade pastoral é colaborativa e associativa, precisa contar com todos os membros do Povo de Deus, os quais não são apenas receptores, mas interlocutores. A fragilidade dos presbíteros no processo de evangelização não se resolve fazendo-os super-homens, mas em compreender que são humanos e, em sua humanidade, são limitados. É preciso compreender que essa limitação não é incompetência, mas uma lembrança constante de humanidade e que na Igreja de Cristo todo batizado é evangelizador e missionário.

A evangelização tem diante de si uma grande oportunidade. À luz da encarnação do Verbo, não há mais barreira entre sagrado e profano. O sagrado mergulhou no profano e esse, por sua vez, é assumido pelo sagrado. Se há distância entre ambos é sinal de que o mistério da salvação ainda precisa avançar ao encontro do mistério da iniquidade. Isso implica em perceber, que a “sensibilidade da cidade moderna pede uma percepção diferente da presença de Deus. Antes de tudo, esta já não se impõe tanto de fora quanto brota da própria interioridade”.⁴¹ Se a Tradição eclesial não tocar e não iluminar a existência de cada sujeito, será apenas um discurso entre outros. Por mais que a estrutura paroquial seja válida em nossos dias, ela já não é mais o centro de fé. A pluralidade e a pulverização dos centros pede que essa mesma estrutura seja revista para atualizar seu papel na vida social admitindo que “já não dá conta das

⁴⁰ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Santo Domingo. Nova Evangelização, Cultura Cristã e Inculturação. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1993, n. 97.

⁴¹ LIBANIO, João Batista. *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 69.

exigências da vida de fé dos fiéis”.⁴² A paróquia precisa avançar na identidade de ser uma rede de comunidades tendo o presbítero como seu animador e promotor da fé dos leigos e leigas. A força do presbítero está na descentralização de sua atividade e não no controle de todas as coisas, pois esta atitude o leva a exaustão e a subterfúgios periféricos. O incentivo dos ministérios, antes de diminuir ou desvalorizar a ação presbiteral, a promove.

O Papa Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*, n. 73, destaca que os leigos são chamados a colaborar com seus pastores “segundo a graça e os carismas que o Senhor houver por bem depositar neles”. Desse modo, exercer, não a síntese dos ministérios, mas o ministério de síntese, no acompanhamento das comunidades e no despertar da fé dos batizados, é um trabalho que requer ampla caridade pastoral como participação na *Missio Dei*. Isso requer do presbítero diocesano um revigorado da fé e da esperança para que a caridade pastoral se estabeleça como testemunho de vida nova em Cristo.

Conclusão

No contexto atual, onde vigora uma compreensão economicista da vida social, não poucas vezes se relega a um segundo plano a dimensão humana da convivência e da contemplação. Nessa situação encontra-se o presbítero, chamado a testemunhar uma esperança viva, da qual ele também necessita. A invisibilidade e a fragilidade das relações humanas, perante as promessas de um futuro próspero, têm impactado e questionado a vida presbiteral em seu sentido último. O desempenho fiel e incansável das tarefas do ministério dos presbíteros em ensinar, santificar e reger os fiéis cristãos, dando testemunho autêntico e exemplar, é muito exigente e requer perseverança. O presbítero diocesano precisa exercitar algumas atitudes fundamentais, tais como: a pureza de coração, o domínio de si, a docilidade ao Espírito Santo e o exercício de estar constantemente na presença de Deus para que seja “modelo para os fiéis, seja na palavra, seja na conduta, seja na caridade, seja na pureza”.⁴³ É imprescindível o desejo sincero, ardente e progressivo em manter vivo, com entusiasmo, o ideal que assumiu na ordenação.

A espiritualidade de retorno à Fonte é convite ininterrupto a redescobrir o impacto da encarnação do Verbo como caminho para recuperar a centralidade da caridade pastoral como participação na *Missio Dei*. A configuração a Cristo é convite de transformação e amadurecimento. Permanece em aberto a necessidade de repensar os métodos da formação presbiteral, inicial e permanente, no horizonte da caridade pastoral, não como autossuficiência ou exclusivismo presbiteral, mas como disposição à configuração a Cristo. É preciso aprofundar o sentido da comunidade paroquial como lugar do exercício pastoral do presbítero. Além disso, a promoção do laicato e a valorização da interação entre os membros do povo de Deus, tendo em vista as novas configurações das dinâmicas urbanas, é uma dimensão necessária da ação evangelizadora da Igreja em tempos de pluralismo eclesial e social, em espírito sinodal.

Referências

AGOSTINHO DE HIPONA. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 2016.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2004.

⁴² LIBANIO, 2002, p. 83.

⁴³ LORSCHIEDER, 2007, p. 75.



CARVALHO, Humberto Robson de. *Presbíteros: testemunhas da esperança*. Brasília: CNBB, 2024.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. Promulgado pelo Papa João Paulo II. Notas e com. Jesús S. Hortal. São Paulo: Loyola, 1983.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum*: sobre a Revelação divina. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html>. Acesso em: 26 out. 2024.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*: sobre a Igreja. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acesso em: 26 out. 2024.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*: sobre a Igreja no mundo atual. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 26 out. 2024.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Christus Dominus*: sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_christus-dominus_po.html>. Acesso em: 26 out. 2024.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Presbyterorum Ordinis*: sobre o ministério e a vida dos sacerdotes. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_presbyterorum-ordinis_po.html>. Acesso em: 26 out. 2024.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida do presbítero*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Santo Domingo. Nova Evangelização, Cultura Cristã e Inculturação. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 26 out. 2024.

FRANKL, Victor. *A vontade de sentido*: fundamentos e aplicações da logoterapia. São Paulo: Paulus, 2011.

GROH, Carlos Rogério. *A identidade do ministério presbiteral como tema teológico-pastoral*: uma questão epistemológica. Florianópolis: ITESC, 2009.

JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal Pastores Dabo Vobis*: sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais. São Paulo: Paulinas, 1992.



- LIBANIO, João Batista. *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- LORSCHIEDER, Aloísio. *Identidade e espiritualidade do padre diocesano*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- MOUNIER, Emmanuel. *Quando a cristandade morre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- PAULO VI, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi: sobre a evangelização no mundo atual*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html>. Acesso em: 26 out. 2024.
- PETERON, Jordan. *12 Regras para a vida: um antídoto para o caos*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.
- TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. São Paulo: Loyola, 2003.
- URIARTE, Juan María. *A espiritualidade do ministro presbiteral*. São Paulo: Loyola, 2000.